

CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (ORG.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016, p. 75 a 96.

The production of urban space: agents and processes, scales and challenges

Cláudio Roberto Farias Passos*

***Ensino Metropolitano da Polícia Militar – Jaboatão dos Guararapes-PE**

cbetopassos@yahoo.com.br

Esta resenha apresenta as principais ideias de onze textos escritos por alguns dos geógrafos (professores) mais influentes no país, que têm pesquisado e discutido as transformações ocorridas no espaço urbano dentro e fora do Brasil. Os artigos que compõem “A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios” têm em comum, além do recorte específico da temática expressa no título, o fato de terem sido apresentados “em versão preliminar” nos debates do Grupo de Estudos Urbanos (GEU), sediado na Universidade de São Paulo.

O primeiro capítulo denominado “Sobre a memória das cidades”, tem como autor Mauricio Abreu (Universidade Federal do Rio de Janeiro), busca discutir a valorização do passado das cidades com vistas à memória urbana. Abreu diferencia no texto *a memória individual da memória coletiva*, além de destacar a cidade como lugar de memória. O autor argumenta que a valorização do passado das cidades é feita de forma generalizada no mundo, consequência de uma tendência, atual, do ocidente, há algumas décadas ocorrida em função da “velocidade eletrizante do período atual de globalização” (p.20). Esse contexto permitiu a instantaneidade das comunicações acarretando a homogeneidade dos lugares e a valorização das formas ditas modernas e progressistas; onde o passado, passou a partir de então, a ser visto como sinônimo de saudosismo.

O segundo “Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão” é assinado por Roberto Lobato Correa, também da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O autor objetiva estabelecer algumas relações entre agentes sociais, escalas e produção do espaço. E tem como pressuposto duas teses: i) considerar a produção do espaço como decorrente da ação de agentes sociais concretos, com papéis não rigidamente definidos, portadores de interesses contraditórios e práticas espaciais diversas; ii) inferir à escala dimensão espacial na qual a ação humana se realiza. Para tal intento, Corrêa discorre sobre a *Escala* enquanto tamanho dos tipos *cartográfica, conceitual e espacial*.

O terceiro capítulo “Da ‘organização’ à produção do espaço no movimento do pensamento geográfico” é de autoria de Ana Fani Alessandri Carlos (Universidade de São Paulo). Tem como “pressuposto pensar as relações sociais em sua dimensão espacial, objetivando analisar a espacialidade como imanente à existência constitutiva da sociedade” (p.53). A autora busca considerar a reprodução da sociedade, em sua totalidade, através da produção e reprodução do espaço. A materialidade da ideia de Carlos se dá a partir da perspectiva da reprodução “ininterrupta da vida”, da prática social realizada espacialmente, pensada através da dialética sociedade/espaço, importa-se com a ideia de localização dos fenômenos. O texto de Carlos apresenta a noção de sujeitos da produção do espaço e os desafios da pesquisa geográfica frente à problematização da noção de espaço. A autora defende uma geografização da temática a partir da abordagem marxista-lefebvriana.

O quarto capítulo “A utilização dos agentes sociais nos estudos de geografia urbana: avanço ou recuo?”, tem como autor Pedro de Almeida Vasconcelos (Universidade Federal da Bahia). Aqui, o autor procura questionar algumas categorias utilizadas no estudo da geografia urbana, como

capitalismo e capital. E verifica até que ponto estas duas categorias são suficientes para se compreender a atuação de inúmeros agentes na transformação das cidades, em particular as cidades de países ditos periféricos. Assim, introduz a discussão sobre *agente e atores sociais*. O embasamento de Vasconcelos se dá por meio da leitura de Max Weber, Henri Lefebvre, Alain Touraine, William Form, Manuel Castells, David Harvey, Milton Santos e outros.

O “lugar e centralidade em um contexto metropolitano” é o título do quinto capítulo escrito por Ângelo Serpa (Universidade Federal da Bahia), tem como objetivo refletir sobre os conceitos de *lugar e centralidade* aproximando-os no âmbito da produção do conhecimento geográfico, a fim de se construir novos “parâmetros teóricos metodológicos para a compreensão dos fenômenos urbano e metropolitano” como também, o aprimoramento da abordagem qualitativa desses fenômenos (p. 97). Ainda, para o autor, é possível aproximar os dois conceitos – lugar e centralidade – baseados em ordem qualitativa e quantitativa, técnica ou funcional. Ele acredita que as duas visões são complementares e não hierarquizadas, podendo ser utilizadas em muitas análises espaciais e em diferentes recortes.

No sexto capítulo tem-se “A mobilidade/imobilidade na produção do espaço metropolitano”, de autoria de Glória da Anunciação Alves da Universidade de São Paulo. A proposta do capítulo é “discutir como o processo de circulação vem contribuindo para a produção do espaço reforçando as diferenciações socioespaciais”. A autora toma a metrópole (paulistana) como escala de análise em decorrência da dinâmica espacial (articulações e conflitos, mutação) que marca tal espaço e expressa às marcas do setor produtivo. Na visão de Alves, são diversos os fatores que eventualmente provocam a imobilidade e ou mobilidade, tanto espacial como social, o principal deles é a insuficiência de recursos para manutenção das necessidades cotidianas, provocadas pela baixa remuneração.

O sétimo capítulo “A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais”, é assinado por Maria Encarnação Beltrão Sposito da Universidade Estadual Paulista. A autora trata das articulações entre o aumento das relações econômicas no plano nacional e internacional como movimento que amplia a articulação entre escalas e as dinâmicas de produção do espaço urbano que “revelam e redefinem a diferenciação socioespacial” (p. 123). A autora é contrária à ideia de cidade como unidade espacial, pois, “a ação sobre o espaço e sua apropriação são sempre parcelares, na cidade atual” (p. 134). Ainda, argumenta sobre a situação geográfica e morfologia urbana, redefinição da centralidade e a fragmentação socioespacial como forma complexa da segregação, mediante reflexões sobre a (in)segurança urbana.

O oitavo capítulo “A cidade, a palavra e o poder: práticas, imaginários e discursos heterônomos e autônomos na produção do espaço urbano”, de Marcelo Lopes de Souza, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Neste capítulo, Souza, faz um exame crítico interrogando as palavras no contexto dos discursos que “adentram os mundos da vida e examinando o senso comum e suas contradições” (p.160). Como também, os discursos e conceitos apresentados por pesquisadores e planejadores públicos os quais consideram as sociedades e seus espaços a partir da ‘visão de sobrevoos’ a qual implica em análise das problemáticas no espaço de maneira superficial, isto é, do ‘alto’ e ‘à distância’. Esse contexto caracteriza o planejamento urbano promovido pelo Estado. Por conseguinte, Souza, raciocina sobre as representações sócio-espaciais a partir de níveis e escalas diferenciadas, a exemplo à escala dos ‘*nanoterritórios*’ os quais materializam a vida cotidiana.

O nono capítulo denominado “Mercados públicos: vestígios de um lugar” de autoria de Silvana Maria Pintaudi da Universidade Estadual Paulista, em Rio Claro. A autora remete-se à produção e ao consumo de espaços comerciais no atual momento histórico, com vistas a entender o movimento de formas comerciais que representam o passado, como os mercados públicos. Igualmente a associação de formas menos representativas, do ponto de vista histórico, que compõem a espacialidade e participam da relação de troca de mercadorias, consumo e reprodução do capital. Segundo Pintaudi, os espaços comerciais são a materialidade do cotidiano, em tempo e espaços específicos, e dão pistas de como a coletividade se reproduz no âmbito da troca de mercadorias.

Também destaca a permanência ao longo do tempo de formas e objetos como o mercado de *La Concepción*, funcionando desde 1888, na cidade de Barcelona/Espanha.

O penúltimo capítulo é assinado por Márcio Pinõn de Oliveira da Universidade Federal Fluminense, tem o título “Para compreender o ‘Leviatã Urbano’ – A cidadania como nexó político-Territorial”. Apresenta o termo Cidadania como foco do estudo. Para o autor o conceito de cidadania “guarda uma concretude que possui, na sua origem, íntima relação com a cidade, na condição de realidade histórica”. Já a relação cidadania e território ocorrem pela imposição “como uma condição continente ao conteúdo político da cidadania ao nível de organização social, cultural” e econômica existente (p.178). É vasta a lista de autores utilizados na construção do capítulo.

O último capítulo “A matriz discursiva sobre o ‘meio ambiente’: produção do espaço urbano – agentes, escalas, conflitos” foi assinado por Arlete Moysés Rodrigues da Universidade Estadual de Campinas. Relaciona algumas questões teóricas e metodológicas a respeito da temática ambiental, descritas em programas de pesquisas, pós-graduação e graduação como também, no cotidiano dos divulgadores de notícias. Segundo Rodrigues, existe a compreensão que a problemática ambiental não é responsabilidade do modo de produção e sim provocada por ele. Rodrigues, inseri no texto alguns agentes, das escalas de análises e dos conflitos utilizados ou não na problematização do tema meio ambiente. E classifica como um dos agentes, *a natureza* (que não pode se manifestar para impor seus interesses), de outro modo, apresenta os agentes *definidores de temáticas* e os agentes *determinantes*, a exemplo do FMI - Fundo Monetário Internacional.

E tamanha é nossa responsabilidade ao tentar, em poucas laudas descrever a obra “A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios” apresentá-la e despertar nos leitores o interesse em folhear, por que não dizer se deleitar nos capítulos que a compõem. Os autores de cada capítulo, trabalhados nesta resenha dispensam apresentação, pois, já possuem credibilidade, construída ao longo de muitos anos de pesquisa e inúmeros trabalhos acadêmicos. Esse detalhe fortalece ainda mais a obra que tentamos resumir, ganha a Ciência Geográfica, as áreas afins, e os inúmeros estudantes, professores e pesquisadores que se debruçam cotidianamente a entender como ocorre a produção do espaço urbano, contemporâneo, com suas virtudes e impropriedades nesta época regida pelas imposições do sistema capitalista.

Data de submissão: 30.07.2017

Data de aceite: 19.06.2018

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.